

O Saldo de Porto Alegre

Não teve saldo positivo o Fórum Social Mundial que se encerrou na última terça-feira em Porto Alegre. Lamentavelmente, as idéias novas foram ofuscadas por clichês velhos. A delegação do governo de Cuba, uma das mais antigas ditaduras do mundo, foi aplaudida de pé por longos minutos, como se aqueles militantes reunidos em Porto Alegre tivessem na ilha de Fidel um modelo digno de ser copiado. A mais estranha confusão ideológica de encontro, porém, se deu em torno da figura do francês José Bové. Os participantes do fórum renderam-se ao charme burguês do agitador, um profissional internacional do protesto muito amado pelo fazendeiros e por ricos fabricantes de vinho de seu país. Bové é o atual xodó da milenar aristocracia rural da França por sua defesa intransigente e até violenta do protecionismo e do subsídio oficial a seus produtos – medidas cujas principais vítimas são os pobres agricultores do Terceiro Mundo, que têm as portas do mercado europeu fechadas para eles. Bové foi levado pelos neo-amigos a um campo experimental de cultivo de soja transgênica da multinacional americana Monsanto, na cidade de Não – Me – Toque. Ali, entre membros do Movimento dos Sem – Terra, entregou-se sorridente a arrancar mudas vegetais do chão. Foi uma forma de protestar contra a manipulação genética e as multinacionais. O vandalismo do francês e de sus amigos mereceu comentário cortante de um veterano militante comunista, o senador Roberto Freire, do PPS de Pernambuco. “Queimar pesquisa é um gesto reacionário. Não pode estar atrelado à esquerda, que sempre foi ligada ao iluminismo, à vanguarda . Parecem querer pôr fogo no pensamento humano”, disse ele.

Chamado a se explicar na Polícia Federal, Bové chegou a ser avisado de que teria de deixar o país em 24 horas. Um habeas-corpus impediu a deportação. Na quarta-feira, finalmente, como quem volta de uma viagem de turismo, Bové tomou seu assento na primeira classe de um Boeing da Air France rumo ao Primeiro Mundo. Também, ninguém é de ferro.

A admiração por Bové foi sintetizada num refrão que ergueu as massas ingênuas do Fórum Social de Porto Alegre, depois da ameaça de deportação pela Polícia Federal. “Bové é meu amigo, mexeu com ele, mexeu comigo”, entoou a platéia do Fórum. Bové pode ser amigo. Mas aliado ele não é. Afinal, o Fórum de Porto Alegre dedicou-se por seis dias a criticar a globalização, que na opinião de muitos dos participantes, é nefasta para o comércio e para a cultura dos países mais pobres. Bové é contra a globalização pelo motivo contrario. Ele luta para que a França continue mantendo suas barreiras protecionistas e não importe produtos que possam vir a concorrer com aquilo que os franceses fazem dentro de seu país, com a ajuda de gigantescos subsídios estatais. Sua luta prejudica países como o Brasil.

Bové andou por Seattle há dois anos, onde foi para as barricadas ombro a ombro com os sindicalistas de classe média dos Estados Unidos, que desfraldam também uma pauta contrária aos interesses do Terceiro Mundo. Ele nasceu na França, país rico, filho de pais professores universitários. Morou no Estados Unidos na década de 60. Foram sete anos em Berkeley, na Califórnia. Costuma dizer que vem de família rural pobre. É uma farsa. Mas cola em ambientes como o Fórum de Porto Alegre. Atualmente, o francês tem como fachada a participação numa fazenda comunitária dedicada à produção de queijo roquefort na região central da França. Laticínios porém, não são seu forte. Ele se especializou em outra coisa: protestos de rua. Aos 47 anos, tem mais de duas décadas militança e foi preso duas vezes. A primeira por invadir uma base militar. A segunda por quebrar uma loja da rede de lanchonetes McDonald's.

A soja transgênica é mais resistente a pragas, mais rica em proteínas e sua produção gera empregos de alto nível no campo. Mas a resistência a inovações não é novidade. Nos anos 60, o agrônomo americano Norman Ernest Borlaug desenvolveu uma técnica de aumentar a produtividade com o uso de defensivos agrícolas, sementes selecionadas e adubos que permitiram acabar com a fome aguda na Ásia. Sua revolução verde fez com muitas nações em desenvolvimento se tornassem auto-suficientes na produção de alimentos. Borlaug ganhou o Nobel da Paz em 1970. Mesmo assim, durante anos a Revolução Verde foi depreciada e acusada de ser o “aríete do capitalismo” no Terceiro Mundo.